

Exceção ou regra?

08FEV1994

A vitalidade da economia brasileira tem sido seguidamente comprovada nos dados sobre o crescimento da produção e sobre o comportamento do setor externo, que continua a apresentar saldos comerciais elevados, mesmo com a redução do imposto de importação.

Apesar de sua indiscutível vitalidade, que permitiu o crescimento do PIB em cerca de 4,5% no ano passado, a economia brasileira depende muito, para o seu desempenho, do ambiente político. Depende das oscilações de expectativas. Essa dependência ficou clara no mês passado. As dificuldades que o Congresso colocou à aprovação das principais medidas que compõem o programa do ministro Fernando Henrique Cardoso inibiram a atividade econômica.

É normal a queda dessa atividade em janeiro, comparativamente a dezembro; mas, neste ano, a queda foi maior do que a prevista.

Calcula-se que o faturamento das indústrias paulistas caiu entre 5% e 10% no mês passado, em relação a janeiro de 1993. Decisões importantes, que deveriam ter sido tomadas no início do ano, foram adiadas, por causa das incertezas. Em vez de optar por investir, muitas empresas aprofundaram a política de ajustamento de sua estrutura, o que resultou em demissões. As vendas de alimentos no mês passado não chegaram à metade do que os empresários esperavam.

Mudanças tributárias, tanto no âmbito estadual (com a nova forma de cálculo do ICMS) como no federal (com as medidas do plano do ministro Fernando Henrique), representaram uma dificuldade adicional à atividade econômica, contribuindo também para a retração dos negócios.

As incertezas geradas pelo comportamento do Congresso soma-se a expectativa com relação à entra-

da em vigor do novo indexador anunciado pelo governo, a Unidade Real de Valor (URV), na segunda etapa do programa de ajuste. Pequenas empresas do Estado vêm encontrando dificuldades para negociar preços com seus fornecedores, porque, na dúvida sobre como será a aplicação da URV, muitos fornecedores de matérias-primas e insumos reajustaram seus preços acima da inflação. Com dificuldades para repassar esses aumentos aos preços finais, as pequenas empresas reduziram a produção.

É verdade que alguns setores escaparam da retração. A indústria de bens duráveis, por exemplo, continuou a vender bem. A indústria eletroeletrônica espera vender 2 milhões de aparelhos de televisão até junho, quando começa a Copa do Mundo de futebol; as vendas internas de veículos novos totalizaram 83,9 mil unidades no mês passado, no melhor resultado de janeiro desde 1980. As vendas do comércio em geral chegaram a apresentar crescimento em relação a janeiro do ano passado, mas não houve o correspondente aumento das encomendas, o que faz prever queda neste mês.

Combinando diversas informações, o Ipea, órgão do Ministério do Planejamento, prevê que o PIB no primeiro trimestre deste ano será 0,4% menor do que o de igual período de 1993. No ano todo, porém, deverá haver crescimento, de cerca de 2%, nas contas do Ipea.

O que se viu em janeiro, no entanto, é insuficiente para sustentar qualquer projeção para o resto do ano. O que se pode dizer com certeza é que, se, nos próximos dias, o Congresso der demonstrações claras de que está disposto a contribuir para o êxito do Plano FHC2, janeiro terá sido uma exceção. Se o Congresso falhar, janeiro poderá ser a regra.

JORNAL DA TARDE